
MUNDO DE ALGODÃO





Mariana Reade

MUNDO DE ALGODÃO

UMA VIAGEM AO UNIVERSO DA INFÂNCIA ATRAVÉS DE CONTOS E IMAGENS

Apresentação de Jorge Mautner



*Ibis Libris
Rio de Janeiro
2009*

Copyright © 2009 *Mariana Reade*

Editores: *Thereza Christina Rocque da Motta e João José de Melo Franco*

Fotos da capa e miolo: *Mariana Reade*

Revisão conforme o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, ratificado pelo Decreto-Lei nº 54, de 18/04/1995, em vigor no Brasil desde 1/01/2009.

1ª edição em novembro de 2009.

Reade, Mariana, 1976–

Mundo de algodão : contos infantis / Mariana Reade. Apresentação de Jorge Mautner. Rio de Janeiro: Ibis Libris, 2009.

80 p., 20 cm.

ISBN 978-85-7823-038-8

Impresso no Brasil.
2009

Direitos reservados à autora.

E-mail da autora: mariana.reade@gmail.com

Ibis Libris
Rua Almirante Alexandrino, 2746-A
Santa Teresa | 20241-263 Rio de Janeiro | RJ
Tel. (21) 2556-0253

www.ibislibris.com.br
ibislibris@ibislibris.com.br

Associada à LIBRE.
www.libre.org.br

ÍNDICE

APRESENTAÇÃO DE JORGE MAUTNER, 7

A HISTÓRIA DA CADEIRA, 11

Suíte de Imagens I, 17

A FLOR AMARELA, 23

Suíte de Imagens II, 28

O TUBARÃO QUE QUERIA FAZER AMIGOS, 33

Suíte de Imagens III, 38

O PRÍNCIPE E A FADA, 43

Suíte de Imagens IV, 51

A ÁRVORE DAS FOLHAS AZUIS, 57

Suíte de Imagens V, 61

A VIAGEM DA LARANJA, 65

Suíte de Imagens VI, 68

NOSSA CAMA NA CASA DOS PAIS, 71

Suíte de Imagens VI, 73

O MUNDO DE ALGODÃO, 77

Índice das Imagens, 79



APRESENTAÇÃO

Jorge Mautiner

Mariana envolve e hipnotiza logo de cara; as fotos das crianças são como se fossem imagens que retratam o reboliço e a labareda de encanto e feitiço que ecoam em seus contos, que são fábulas, lendas, mitologia pós-modernista e, ao mesmo tempo, simultaneamente, são pura mitologia indígena dos nossos ancestrais, reinterpretados por esta magistral escritora!!!

As coisas, objetos, animais, são humanizados, em suas narrativas, que servem de imenso prazer, seja para a criança ou para o adulto. Essas histórias são de um conteúdo aonde a majestade é democrática, e os personagens das fábulas são demasiadamente humanos e irradiam intensa ternura de amor!

São mundos de felicidade imorredoura, ironias cheias de carinho e um suspense absoluto. Além disso, seus personagens são arquetipais, mas também agem e pensam como seres poéticos.

É um estranho bailado de situações inesperadas e, ao mesmo tempo, já vivenciadas por cada um de nós, seja na

infância, ou na atualidade da vida, aonde nos defrontamos com o absurdo do mistério a todo instante, com a diferença de que nessas histórias estamos num universo de plena felicidade de sensações e de tempo-espço mitológico.

Ler este livro, olhando estas fotos, é como ser transportado para a dimensão da felicidade com aventura. Mariana envolve todos os aspectos de sua narrativa poética, com um manto invisível de ternura, aonde até mesmo situações de conflito são resolvidas de maneira harmoniosa, aumentando o mistério e o prazer de estar lendo este livro, cujo título já nos indica tudo isso. Sim, até mesmo situações de disputa e de conflitos são narradas com tamanha qualidade de harmonia, que a dor inerente a estas situações é absolvida e substituída por uma cintilante névoa feita por nuvens de algodão!!!

Rio de Janeiro, junho de 2009

MUNDO DE ALGODÃO



A DEI,
QUE ME ENSINOU A ENXERGAR
VÁRIOS MUNDOS.

A HISTÓRIA DA CADEIRA

Era uma vez uma Cadeira que adorava ser Cadeira, mas que morria de vontade de andar.

A Cadeira morava em um canto da sala da lareira em uma casa antiga, toda feita de madeira e sem crianças. Sem crianças, eu digo, porque a Cadeira sempre pensava que, se houvesse crianças, seria mais fácil sair mundo afora. Os adultos, ela sabia, não a ouviam.

Havia, porém uma sobrinha que vinha sempre nas férias de Páscoa. Esta sobrinha já conhecia a Cadeira havia muitas Páscoas, e não encontrava uma maneira de ajudá-la. A Cadeira sempre esperava que na Páscoa seguinte ela viesse com a solução.

O tempo, assim, foi passando, e a vida da Cadeira continuou ali, a um canto da sala da lareira em uma casa antiga e toda feita de madeira.

A vida da Cadeira não era de todo ruim, ela sabia disso. Havia uma janela enorme à sua frente e, através dela, travava longas conversas com dois Pinheiros que ali moravam. Também a Mesa Redonda era de muito papo, apesar de discordar dessa ideia maluca, dizia ela, de sair por aí pra conhecer o Mundo.

E divertidas eram as noites que havia fogo na Lareira, com ela a dar risadas e mais risadas, por causa das cócegas que os estalos do fogo faziam! E mais as conversas dos adultos que se punham a tagarelar, enquanto apreciavam o fogo. Um senhor e uma senhora que moravam ali, viviam a tocar o piano, mas sempre havia muitos

amigos que vinham visitá-los, principalmente nas noites em que acendiam a Lareira.

Pois então, era uma vida bem boa a da Cadeira, entre Pinheiros, risos e conversas. Mas aquele sonho, ah, aquela vontade infinita de descobrir o Mundo, isso ela guardava sempre consigo!

– Mas que sentido há nisso, querida amiga Cadeira? – perguntava a Mesa Redonda, um pouco atordoada. – Veja só como todas as outras cadeiras à minha volta vivem felizes por aqui?

– Pode até ser porque sou a Cadeira do Canto, mas essa ideia não me larga. Tenho certeza que o Mundo quer se mostrar pra mim, eu sozinha não poderia inventar toda essa vontade!

E assim chegou a Páscoa seguinte, e a esperança para o grande sonho da Cadeira. A Páscoa, desta vez, acabou, e a sobrinha não veio.

Ela era uma Menina Ruiva, alegre e muito simpática. Quieta apenas na opinião dos adultos, porque, para todos da sala da Lareira, a chegada da Páscoa e da Menina Ruiva era uma enorme alegria!

Desta vez, houve apenas uma conversa dos tios que falavam sobre o novo país onde vivia a Menina Ruiva, um lugar muito frio, com chá servido às cinco da tarde em xícaras com desenhos de flores e muitas bibliotecas.

Quando os tios saíram, a confusão foi total na sala da Lareira. Então, ela não viria mais... Todos tinham certeza que ela estava triste nesse novo país, aliás, tristíssima, entre chás em xícaras com flores e montes de livros, bíblias, ou seja lá o que fosse. Mais triste que todos, estava a Cadeira, perdida na saudade de seu sonho.

Passaram-se várias Páscoas. Passaram-se vários anos. E a Menina

Ruiva não vinha. Era uma pena, mas, para a Mesa Redonda, a Lareira, as outras cadeiras... Enfim, a vida continuava para todos da mesma maneira. Para a Cadeira, tudo era diferente. Sem a Menina Ruiva, que esperança poderia haver para descobrir o Mundo?

A Menina Ruiva fora estudar em um desses colégios onde também se mora, com muitas camas juntas e várias meninas de trança. O novo país ficava bem longe da casa antiga dos tios.

Na primeira Páscoa, a Menina Ruiva ficou tão triste por não rever os amigos da sala da Lareira, que chegou a chorar de saudade. Foi uma Páscoa na primavera, cheia de ovos escondidos, mas havia tristeza no coração da Menina Ruiva, uma decepção grande por saber que não poderia ajudar sua amiga Cadeira.

Houve uma segunda Páscoa ainda triste, uma terceira Páscoa já menos triste e, assim, a lembrança das Páscoas na casa antiga, e a esperança de levar a Cadeira para ver o Mundo foram diminuindo.

A Menina Ruiva cresceu, terminou o colégio e já era hora de deixar o tal país tão distante. Sua família a esperava, feliz, do outro lado do mundo e, graças a Deus, estava na hora de a menina voltar para casa.

Doce engano familiar! Na sala da Lareira ouviam-se muitas discussões e reclamações sobre o futuro da Menina Ruiva entre tios, pais, avós e amigos.

A Cadeira, que guardara sempre um pouco de esperança, ouvia a tudo preocupada. Acontece que a Menina Ruiva havia se apaixonado pela escultura, e por um tal Escultor, e queria continuar estudando para, então, poder trabalhar com ele, e descobrir como fazer as suas esculturas.

Um verdadeiro pesadelo para a família do outro lado do mundo! Apenas a avó concordou, brigou com todo o resto da família e ajudou a Menina Ruiva a ir estudar na escola de escultura que ela tanto queria.

Muito triste ficou a Menina Ruiva com sua família que não entendia que o seu grande prazer na vida era esculpir! Por muitos anos ela não voltou para casa, e só falava mesmo com a avó, que, por sua vez, já havia feito as pazes com o resto da família.

Muitos anos se passaram. A Menina Ruiva era agora uma mulher, menos ruiva que a Menina Ruiva, mas, ainda assim, ruiva. Vivia feliz com o Escultor, e aprendia incansavelmente a arte de transformar. Às vezes, sentia uma saudade enorme daquela família que brigara com ela por tê-la feito escolher entre a vida antiga e a de esculpir com o Escultor.

A Cadeira sentia-se imensamente triste e, definitivamente, não entendia os adultos. Só pensava no momento em que iria novamente encontrar a Menina Ruiva, e guardava suas esperanças para conseguir esperar.

A vida continuava igual na sala da Lareira, entre Pinheiros, a Mesa Redonda, longas conversas e risadas. Apenas o retrato da Menina Ruiva não se via mais.

Em uma manhã de muito sol, a tia, que vivia a tocar piano, morreu e fez-se um enorme silêncio. Nem mesmo o fogo da Lareira ousava queimar.

Foi então que a Menina Ruiva voltou. E voltou com o Escultor ao seu lado, e voltou escultora. A família, finalmente, mudou de ideia, e fez as pazes com a Menina Ruiva.

Que alegria, pensava a Cadeira! Agora a Menina Ruiva poderia se despedir da casa antiga em paz. E, junto com todos, teria direito à divisão da casa antiga. Pediu a Cadeira, era tudo o que ela queria. Ao entrar na sala da Lareira, lembrou-se do pedido da Cadeira de tantos anos antes, e sabia que ela ficaria feliz em ser levada!

A Mesa Redonda derramou algumas lágrimas, e a Lareira esboçou um sorriso triste, os Pinheiros acenaram, e a Janela despediu-se sem dizer nada. Sabiam que a Cadeira seria feliz conhecendo o Mundo.

A Menina Ruiva e o Escultor partiram quase como vieram, com uma tia a menos, uma longa e triste despedida da casa antiga, e a Cadeira.

A Cadeira foi morar no outro lado do Atlântico, em um daqueles telhados com vista para o parque. Era bom viver com a Menina Ruiva e o Escultor, e ainda mais com o bebê que estava por chegar!

Era uma nova vida para a Cadeira, que gostava de seus novos amigos, mas, ainda assim, tinha o sonho de conhecer o Mundo.

O mais difícil era a Menina Ruiva não conversar mais com a Cadeira, provavelmente por ter-se tornado adulta. Conversava apenas com o Escultor, falando-lhe sobre a sua infância nos domingos de Páscoa na casa antiga e o desejo da Cadeira.

Por um desses motivos dos adultos, a Cadeira foi deixada ali pra conhecer o Mundo através daquela janela. Agora não tinha mais esperanças, tudo o que havia era um outro mundo a ser conhecido, mas não o Mundo.

Anos e anos se passaram. Era o aniversário de sete anos do Menino Ruivo, e ele podia escolher seu próprio presente. Seu presente

seria a alegria de uma grande amiga! E ainda havia tempo enquanto fosse criança, os adultos de nada precisavam saber!

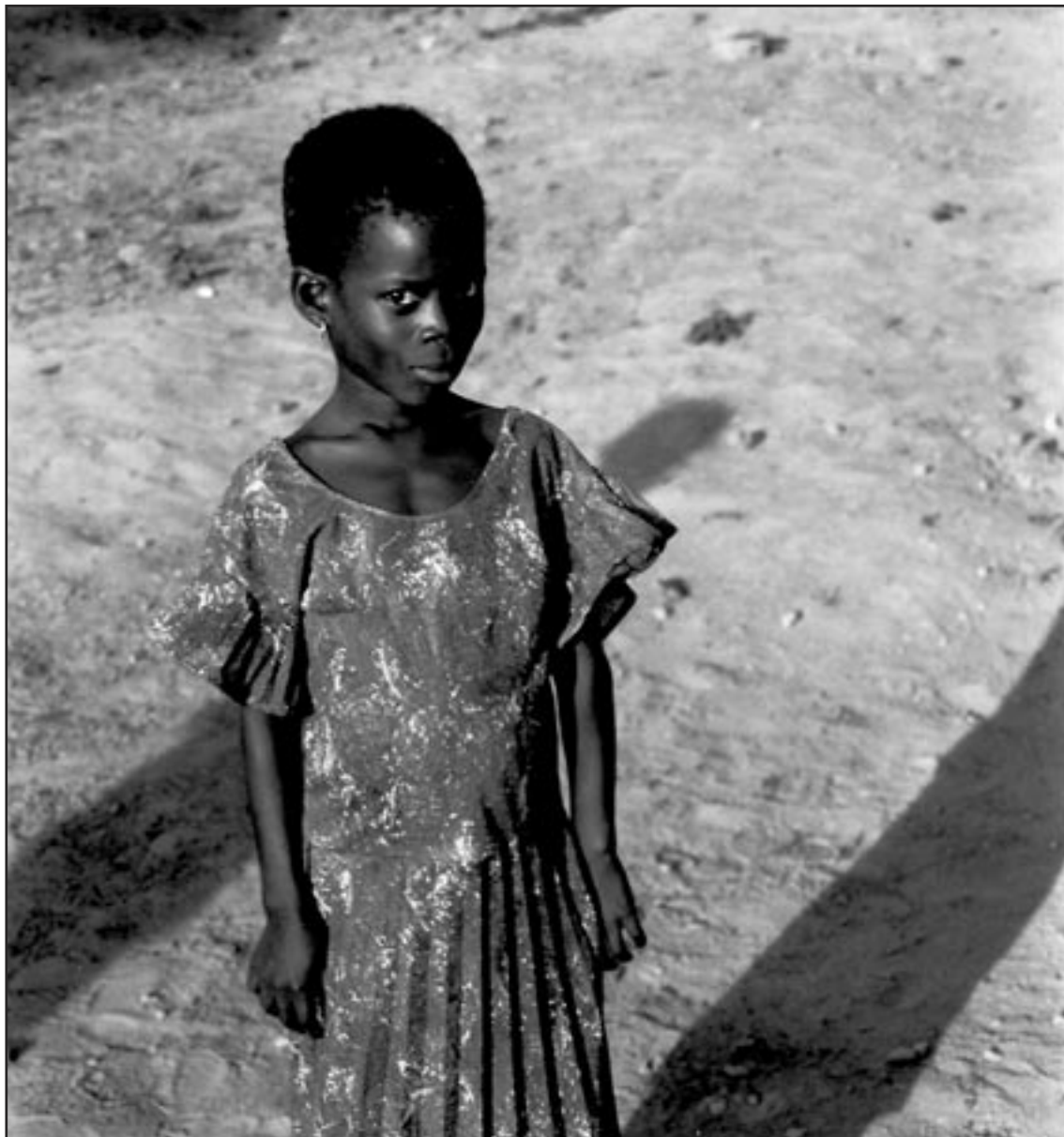
– Mãe, Pai! Já escolhi meu presente de aniversário! Eu quero uma escultura feita por vocês dois. Quero a Cadeira de Sapatos!

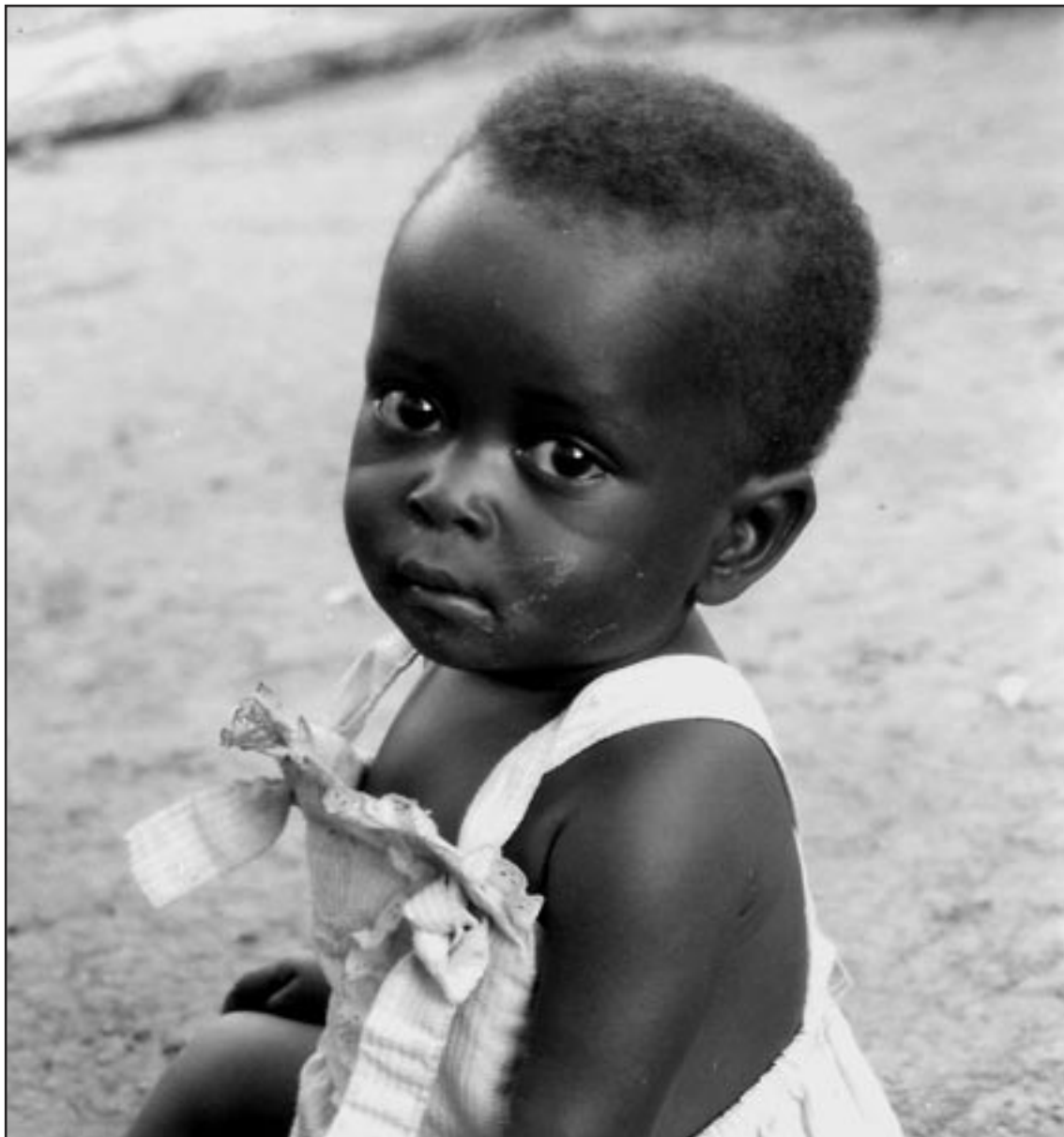
O Escultor concordou, divertindo-se com a ideia. Dos olhos da Menina Ruiva brotaram lágrimas. Ela sabia que um mundo infinito estava de volta. E, sorrindo para a Cadeira e o Menino Ruivo, ela disse ao Escultor:

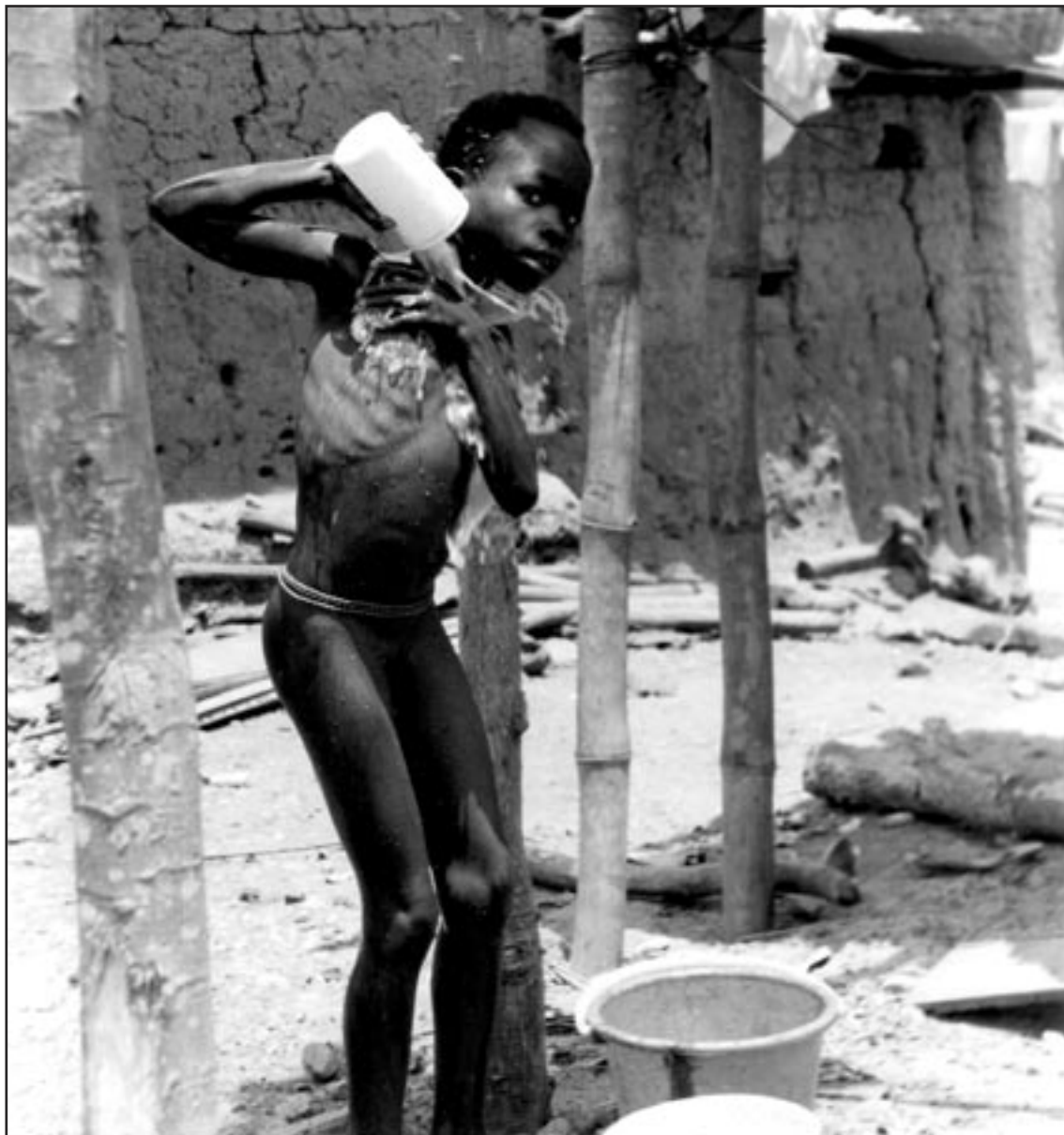
– Mãos à obra, finalmente! A Cadeira quer andar!













A FLOR AMARELA

Era uma vez uma Flor Amarela que vivia em um imenso campo de Rosas. Ao fundo do campo, que bem parecia infinito, havia uma casa com muitas janelas vermelhas: era a Casa das Janelas Vermelhas. E através de uma imensa janela vermelha podia-se ouvir uma bela música que tocava por toda a noite.

Assim as Rosas passavam a noite a dançar alegremente, enquanto dentro da casa também dançavam! Porém, a Flor Amarela passava as noites triste, por não ter com quem dançar. Seu grande sonho era dançar com a Lua, que viesse em uma noite, pois passava o tempo no escuro a contemplar a Lua tão clara, imaginando dançar com ela!

Acontece que a Lua nunca vinha. A Flor Amarela esperava... E tristes eram as noites em que todas as Rosas dançavam em par.

Dentro da Casa das Janelas Vermelhas, onde tocava a incessante música noturna em uma vitrola antiga e que fazia toda a gente grande dançar, vivia o Menininho dos Cabelos Cacheados, que adorava passear pelo campo de Rosas. E toda noite, enquanto as Rosas e os adultos dançavam, o Menininho dos Cabelos Cacheados admirava a Estrelinha mais brilhante do céu, sonhando buscá-la e fazê-la sua mais fiel companheira.

– Por que não dança, Flor Amarela? – perguntou o Menininho dos Cabelos Cacheados ao perceber sua tristeza.

– Não tenho com quem dançar. Rosa dança com Rosa, e eu, sendo uma Flor Amarela, passo as noites de música a esperar que a Lua desça para dançar comigo.

– Pois veja, Flor Amarela – continuou o Menininho dos Cabelos Cacheados, – lá dentro da Casa das Janelas Vermelhas a vitrola toca sem parar, os homens dançam com as mulheres, e eu venho sozinho passear entre as rosas. Passo as noites de música a sonhar com um jeito de buscar a Estrelinha. E as noites vão passando, uma após a outra e lá, perdida na imensidão do céu, continua a Estrelinha. Eu também não sei como buscá-la.

– Se apenas houvesse um jeito de fazê-las saber que precisam descer do céu pra nos encontrar... – disse a Flor Amarela ao Menininho dos Cabelos Cacheados.

Assim, a cada noite, a vitrola rodava, enquanto Rosas, homens e mulheres dançavam. A Flor Amarela e o Menininho dos Cabelos Cacheados olhavam juntos a Lua e a Estrelinha, sentindo saudades.

Através da Janela Vermelha podia-se ver a silhueta dos adultos e, entre eles, um grande sorriso de luz de lua. O perfume das Rosas era então mais forte do que nunca, acompanhando a vitrola antiga, os passos animados dos adultos e o sonho da Flor Amarela e do Menininho dos Cabelos Cacheados.

Passaram-se assim várias noites, várias estações, vários anos. A vitrola antiga já tocava outras músicas, e o Menininho dos Cabelos Cacheados não mais morava na Casa das Janelas Vermelhas.

A Flor Amarela, por sua vez, ainda esperava pela Lua, certa de que ninguém no mundo teria estado a olhá-la tanto quanto a Lua.

– Enquanto vocês dançam, sou olhada pela Lua, com tal luz, que ilumina toda a Terra!

O Menininho dos Cabelos Cacheados agora era um homem. Fazia vinte e sete anos no dia em que voltava à Casa de Janelas

Vermelhas. A casa iria ser vendida. Já não tocava a música da vitrola que saía pela Janela Vermelha. Mesmo assim, quando chegava a noite e, com ela, a Lua e a Estrelinha, as Rosas dançavam aos pares a Música do Vento.

Nesta noite, as portas e janelas dormiam abertas trazendo ao campo de Rosas um silêncio de anos. Foi naquele silêncio que o homem andou entre as Rosas, sentindo saudade das noites de música na vitrola. Ao ver uma Flor Amarela entre tantas Rosas deitou-se no chão e lembrou-se de ter amado a Estrelinha. A Flor Amarela nada dizia, perdida em sua própria saudade, sem ser reconhecida pelo Menininho dos Cabelos Cacheados. Quer dizer, para ela, aquele homem sério iria sempre ser o Menininho dos Cabelos Cacheados!

No céu brilhava a Lua, brilhava a Estrelinha. O Menininho dos Cabelos Cacheados falou como se a Estrelinha pudesse escutá-lo.

– Tenho saudade de tanta coisa que eu só ouvi que existiu.

– Será que a Lua nunca veio pra não deixar o mundo no escuro?
– perguntou a Flor Amarela ao Menininho dos Cabelos Cacheados.

Ele ouviu, surpreso, a Flor Amarela trazer-lhe a lembrança de uma tão querida Estrelinha. Os dois se olharam depois de tantos e tantos anos.

– Sabe, Flor Amarela, voltar aqui depois de todos esses anos faz-me perceber onde estamos. A Lua e a Estrelinha jamais seriam Lua e Estrelinha se não estivessem no céu.

– Isso quer dizer que é verdade que a Lua não virá jamais?

O Menininho dos Cabelos Cacheados segurou as pétalas da Flor Amarela como quem segura a mão de uma grande amiga.

– Até hoje – continuou a Flor Amarela – eu guardava comigo

uma esperança interminável e essa esperança, apesar de infinita, me fazia feliz.

– Eu saí do campo das Rosas – disse o Menininho dos Cabelos Cacheados – e vivi tantas coisas que achei que poderia esperar. Agora, aqui com você, entendo que nem sempre precisamos dançar à noite com música de vitrola.

– Mas é à noite que a Lua viria!

– Justamente. É durante a noite que a Lua precisa ser Lua e a Estrelinha precisa ser Estrelinha. E, para serem o que são, é preciso estar no céu e iluminar as músicas tocadas por todas as vitrolas. Assim como você, para ser Flor Amarela, precisa estar em um campo de Rosas! E eu, para ser homem, preciso amar além do infinito.

– E assim não nos misturamos? – perguntou a Flor Amarela, já triste por ser unicamente Flor Amarela.

– A mistura sempre existe, Flor Amarela. Apenas a dança, para nós, será no momento que começar o dia! Dançaremos, no silêncio do amanhecer. E, por um momento único, Lua e Estrelinha descerão do céu para deixar que o dia se ilumine. A dança será de nós dois, e valerá a pena. Valerá à beça!

Aquela noite, olhavam felizes a Lua e a Estrelinha, sem esperar, e com a certeza que, ao amanhecer, elas estariam dentro deles, iluminando aquela dança no silêncio. Mas, enquanto fosse noite, que dançassem a Lua e a Estrelinha, iluminando toda a Terra!

Amanhecia, e quando já não se via mais Lua e Estrelinha, as Rosas dormiam e o silêncio era infinito, o Menininho dos Cabelos Cacheados dançou com a Flor Amarela.

Depois daquela dança, ele partiu para sempre do campo de

Rosas, levando com ele a certeza daquela dança, que aconteceria todos os dias ao amanhecer. A Flor Amarela não mais passaria as noites triste ao contemplar a Lua. Ela esperaria, a cada manhã, o silêncio daquela dança.

O Menininho dos Cabelos Cacheados partiu do campo de Rosas, deixando a Flor Amarela à espera daquela dança que já se passava no infinito.











O TUBARÃO QUE QUERIA FAZER AMIGOS

Era uma vez, em um oceano muito profundo, um Tubarão que vivia muito sozinho.

O Tubarão era louco para ter amigos, mas toda vez que tentava fazer novos amigos, eles fugiam assustados.

O Tubarão já estava muito triste e se achava um monstro. Chorava baixinho e quem visse não acreditaria em um tubarão daquele tamanho chorando assim!

Até que um dia, em um desses momentos em que o Tubarão chorava desconsolado, ouviu-se uma voz:

– Sr. Tubarão, são tantas as suas lágrimas, que já estou ficando salgado! As pessoas lá em cima estão reclamando!

O Tubarão, muito sem graça e sem entender quem o vira chorando, perguntou:

– Mas quem está falando? Eu não consigo vê-lo!

– Ora, ora, sou eu, o Mar. E como não me vê? Estou todo à sua volta!

– Ah, sim, entendo. Me desculpe pelo sal, mas é que estou tão triste. Eu não tenho amigos.

– É, Sr. Tubarão, todos têm medo de você.

E o Tubarão pôs-se a chorar ainda mais, pensando nos amigos que não tinha. O Mar ficou a pensar: era muito curioso mesmo; como poderia ajudar o Tubarão a não assustar ninguém?

Acontece que o Mar, quando se punha a pensar assim, balançava

sua cabeça de um lado para outro, e todos os que viviam dentro dele balançavam também. Lá em cima, os surfistas se alegravam e as mãos se preocupavam. Achavam que o mar estava bravo, mas não estava, não, só estava matutando suas ideias.

No meio de todo esse balanço do Mar, vários amigos do Reino Vegetal e do Mineral acabaram por chegar, pois acharam que seria um chamado do Mar.

Foi então que as Algas Marinhas se ofereceram como cabelos para o Sr. Tubarão. As Conchas serviram de enfeites para as sobancelhas e a Areia mudou a cor de sua pele. Surgiu, então, a Estrela do Mar:

– Ah, Tubarão, essa fantasia toda é muito bonita, mas até se descobrir quem você é, leva muito tempo.

– Mas é essa a ideia! – disse o Tubarão. – Enquanto não me reconhecem, posso mostrar que sou diferente dos outros tubarões. E, sem sentir medo de mim, poderão ser meus amigos!

– Porém, preste atenção em quem já está lhe ajudando – disse a Estrela do Mar. – Você já fez amigos de outros Reinos!!!

– Claro e estou muito contente com eles! A Areia, as Conchas e as Algas Marinhas são todas muito simpáticas. Mas gostaria também de ter amigos peixes, seres do meu próprio reino!

A Estrela do Mar achou bonito o Tubarão falar assim. E foram, então, pelo mar, o Tubarão naquela fantasia maluca, as Conchas, a Areia e as Algas Marinhas e, claro, a Estrela do Mar. O Tubarão estava muito contente!

O primeiro encontro foi com o Golfinho. Curioso como ele é, parou para ver que animal diferente era aquele, e quando viu que era inofensivo, foi logo se apresentando com uma acrobacia marítima.

– Não sei se o Mar aceita novos animais, mas você certamente é novo por aqui. Eu sou o Golfinho, e podemos ser amigos! Conheço bem o lugar, e posso lhe apresentar as redondezas!

O Tubarão logo sorriu:

– Claro, certamente, podemos, sim, ser amigos! Não sou novo por aqui, não...

Ao dizer isso as Conchas que cobriam suas sobrançelas começaram a dançar, pra que ele parasse aquela conversa. O Golfinho, impressionado com aquelas sobrançelas dançantes, até esqueceu que animal o seu novo amigo seria.

– Vamos, vamos passear pelo mar, que é tão bonito! Vou lhe mostrar as coisas por aqui.

O Golfinho estava surpreso como podia nadar rápido o seu novo amigo. Ele sabia que o único animal que nadava mais rápido do que ele era o tubarão.

Passaram por um grande navio naufragado, por tesouros escondidos, por corais imensos, por pérolas! O Tubarão estava deslumbrado, sem acreditar em tantas belezas que deixara de conhecer.

Foi então que se depararam com o Garoto Mergulhador.

– Ah – disse o Golfinho, – é o Garoto Mergulhador que está sempre por aqui. Mas não tem máquina fotográfica como os outros mergulhadores, além de não vir acompanhado, não tem armas nem máquinas. Deve ser muito curioso!

E o Tubarão continuou:

– Mas os mergulhadores mesmo, os fotógrafos, biólogos, pesquisadores, são sempre adultos.

Os dois ficaram adivinhando quais seriam as razões para o Garoto Mergulhador estar ali.

– Sendo um garoto, poderíamos conversar com ele. Só os adultos não falam com a gente. As crianças sempre sabem nos ouvir. Depois chega o dia em que esquecem que já souberam – explicou o Tubarão.

Resolveram que, para chamar a atenção do Garoto Mergulhador, o Golfinho faria uma de suas acrobacias marinhas. E assim fez.

Ao final de sua performance, o Garoto Mergulhador ficou de boca aberta, maravilhado com aquela dança! E sem nenhum dos dois se apresentar, o Garoto Mergulhador foi logo falando:

– Parabéns, realmente, parabéns! Há tempos ando por essas águas e nunca vi dança tão bonita!

– Obrigado! É um prazer que tenha gostado! Sabe que já o vi por aqui várias vezes.

– É verdade... Faz já um ano e um dia que venho aqui.

– Mas o que faz aqui?

– Ah, é uma longa história. Eu tinha uma grande amiga. Crescemos juntos na vila dos pescadores que fica onde o mar alcança a terra. Um dia, decidimos passear de barco e ir até a Ilha da Verdade. O mar estava calmo, sol e céu azul. O dia estava tão bonito que não prestamos atenção na imensidão do mar. Estávamos felizes juntos! Sem que tivéssemos tempo pra pensar, começou a chover tão forte que logo era um temporal. Olhávamos sérios um pro outro. Ela me abraçou forte e disse: “Não é da morte que tenho medo. É de morrer sem ter conhecido o infinito”. Desde então tenho vindo aqui. Procurar o infinito.

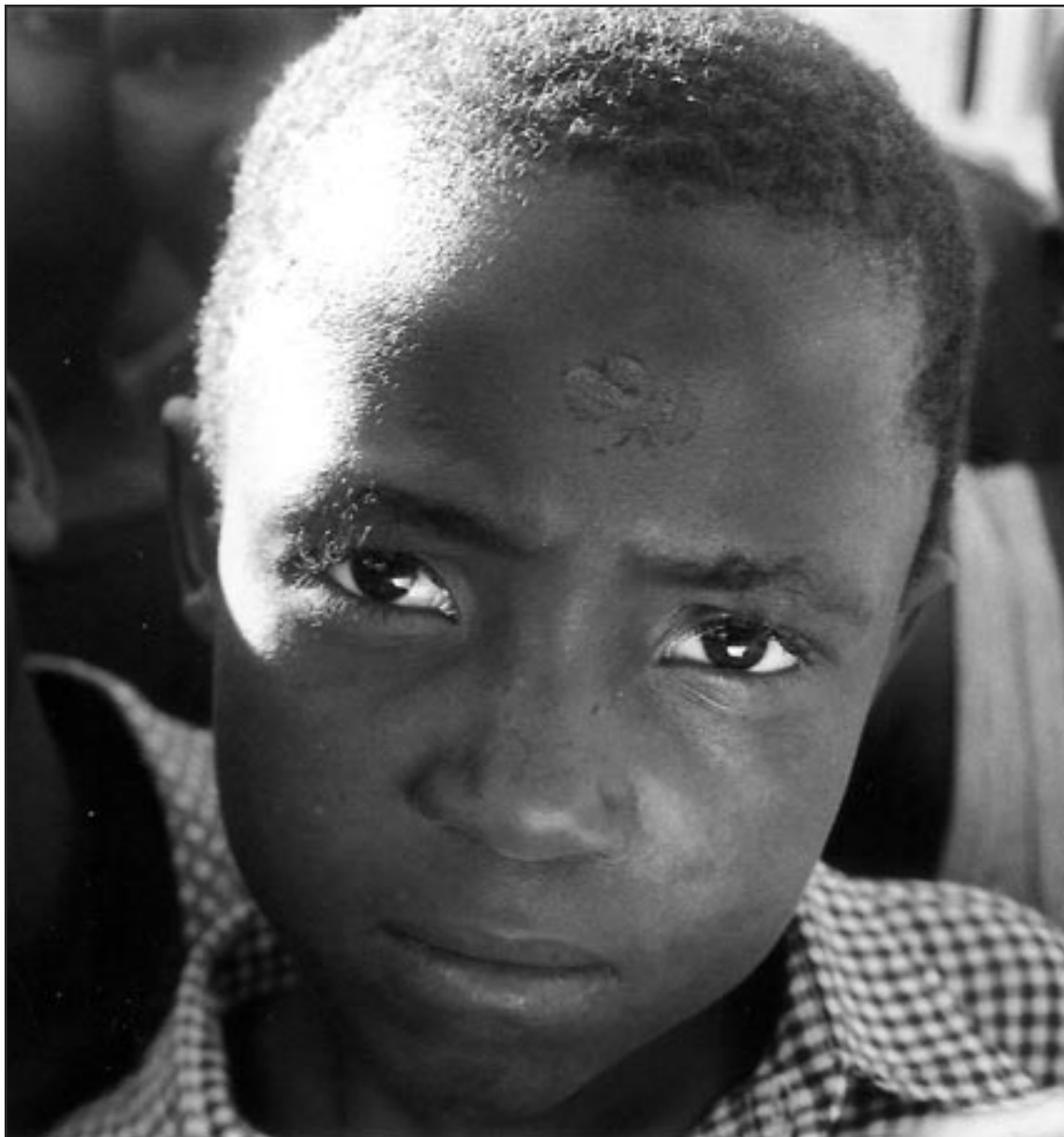
O Tubarão, o Golfinho e o Garoto Mergulhador tornaram-se grandes amigos e nadaram felizes para sempre, entre os novos amigos peixes e o infinito do Mar.











O PRÍNCIPE E A FADA

Era uma vez uma enorme biblioteca em uma casa no campo de um senhor que morava sozinho. Era o Senhor Poeta. Passava a vida a escrever os seus papéis. Havia escrito de tudo: romances, histórias infantis, jornais, críticas e, sobretudo, poesia. Não estou segura sobre o “sobretudo”, mas chamavam-no de “o Senhor Poeta”.

Sua biblioteca era muito especial. Tamanha vida ele dera a uma de suas histórias, que, no meio do silêncio de uma noite, o Príncipe saltou de dentro do livro onde vivia, encontrando-se assim na biblioteca do Senhor Poeta. Este dormia tranquilo sem absolutamente nada desconfiar.

Curioso foi o passeio entre tantos livros. Eram tantas as histórias que ele ficou em dúvida para onde deveria ir. Sentou-se, assim, sobre um dos volumes do dicionário e pôs-se a pensar.

De repente, ouviu uma voz vindo de longe:

– Príncipe, pense bem no que está a fazer! Sinta saudade de sua própria vida, enquanto é tempo!

– Quem fala? Não vejo ninguém! E eu que sempre quis descobrir de onde venho, deparo-me com uma biblioteca e uma voz invisível!

– Você não pode me ver, porque estou dentro do dicionário. Chamo-me Sabedoria. Boa sorte, já que é tão curioso e adeus!

O Príncipe, novamente sozinho, resolveu entrar em outra história que não a sua. Na página sessenta e três de um livro qualquer, entrou por acaso. Era a hora do chá em “Alice no País das Maravilhas”, de que ele tantas vezes ouvira contar.

– Olá, eu sou o Príncipe. Poderia sentar-me à mesa com vocês?

– Nem pensar, não tem espaço para mais ninguém! – disse o Coelho olhando as horas.

Vendo a mesa de chá com tantos lugares vazios, o Príncipe, inconformado com tamanho egoísmo, resolveu partir. Alice ainda tentou segurá-lo, mas ele já havia desaparecido.

O Príncipe estava de volta à biblioteca, e resolveu ir mais longe. Por que não? A casa lhe parecia estranha, e ele estava curioso e entusiasmado.

Na história em que vivia o Príncipe, havia uma linda Fada que estava para morrer (nem precisa dizer que o Príncipe também estava para morrer, mas de amor por ela).

O Príncipe, decidido a salvá-la a qualquer custo, foi ter com o Mago. O Mago o aconselhou:

– Vá ao encontro do seu criador. Só ele poderá mudar o seu destino.

Depois do Mago, o Príncipe foi até a Velha Bruxa que possuía poderes mágicos, para lhe indicar o caminho para encontrar seu criador. Foi assim que o Príncipe acordou naquela biblioteca com tantas outras histórias e vidas escondidas por trás de capas duras e nomes grafados em dourado. Ele não entendia muito o que se passava. Sabia de onde vinha, a vida que tivera até ali e que precisava encontrar seu criador, fosse lá o que isso quisesse dizer, para pedir ajuda para a Fada que ele tanto amava. Por outro lado, pensou ele, estava em uma casa antiga e de quem ela seria ele não fazia a menor ideia.

Sentiu um cheiro bom de café, e viu uma maravilhosa mesa

onde estava servido o café da manhã. Para um Príncipe, ele não fez muita cerimônia: sentou-se à mesa e pôs-se a comer com enorme prazer. Achou apenas a mesa um pouco pequena comparada à que estava habituado a ser servido em seu palácio, mas, ainda assim, era tudo da melhor qualidade.

O café da manhã estava sendo uma imensa diversão naquele mundo tão desconhecido para o Príncipe, até perceber que havia um senhor de óculos e longas barbas brancas, vestido em um roupão azul de bolinhas amarelas, parado na porta da cozinha, com o olhar mais perplexo que o Príncipe já vira em sua vida.

O Senhor Poeta não conseguia dizer sequer uma palavra. Primeiro, porque era a primeira vez que um desconhecido entrava desse modo em sua casa e, como se não bastasse, sentou-se para tomar o café da manhã à sua mesa com toda a naturalidade. Depois, porque aquele desconhecido tinha um rosto tão conhecido, que até lhe dava um frio na espinha.

O Príncipe adiantou-se, pondo-se de pé:

– Com licença, eu não queria, em absoluto, ser tomado como intruso. Penso que estou vivendo um momento muito estranho de minha vida e como exatamente vim parar aqui, sei tanto quanto o senhor. Se me dá licença de me apresentar, sou o Príncipe.

Nem é preciso dizer o quanto o Senhor Poeta se sentiu surpreso. Ele não queria acreditar em suas próprias suspeitas. O Príncipe lhe estendeu a mão.

– Bom dia, Príncipe. É um prazer conhecê-lo, aliás, um verdadeiro grande prazer! Sinta-se em sua casa, embora minha querida casa não seja como um de seus palácios!

E o Príncipe, demonstrando grande animação, foi respondendo:

– O senhor já esteve alguma vez em meus palácios?

O Senhor Poeta pegou uma xícara de café. Ele não sabia realmente como responder. Ele próprio estava tão surpreso: não sabia que os palácios realmente existiam.

– Eu já estive, sim, em seus palácios, mas isso faz muito tempo. Você certamente não era sequer nascido.

O Príncipe levantou-se, eufórico:

– Oh! Então, o senhor conheceu meus antepassados! Eles, sim, poderiam me ajudar! Temos um grande problema em meu reino no momento. A Fada, quero dizer, a mais bela de todas as Fadas está para morrer. Fui ao encontro do Mago e ele me disse que apenas o Criador poderia salvá-la. Ele me enviou, então, à Velha Bruxa e ela, por sua vez, perguntou-me se eu estava realmente disposto a salvá-la. Quando respondi que sim, tudo se apagou por um instante e, quando abri os olhos, vi-me em uma gigantesca biblioteca.

O Senhor Poeta estava com o coração na mão, comovido com a persistência e o amor do Príncipe pela Fada. Ele, porém, conhecia bem o final da história, e não entendia como o Príncipe poderia estar ali.

– Sinto muito, Príncipe, não sei como ajudá-lo, mas desejo-lhe boa sorte em sua busca.

– Obrigado, Senhor Poeta. Seu café da manhã foi extremamente prazeroso!

Ele começou a caminhar tristemente em direção à porta. Era a primeira vez que o Senhor Poeta não dizia a verdade em sua vida.

Ele não queria mudar o final de uma de suas histórias mais antigas. Lembrou-se, porém, da mulher que havia amado, e de como a perdera ao deixá-la partir. Sabia da solidão em que vivera desde então, e ver o jovem Príncipe partir assim tão cheio de esperanças por aquela mesma porta em busca de seu grande sonho, sabendo que jamais o alcançaria... O Senhor Poeta era um homem de grande coração, antes de ser o criador de suas histórias.

– Príncipe, volte!

Em menos de um segundo, o Príncipe estava de volta.

– Talvez eu possa ajudá-lo.

– Oh, que maravilha! – disse o Príncipe pulando de contente.

O Senhor Poeta conduziu-o à biblioteca e puxou um volume de capa dura onde estava escrito *O Príncipe e a Fada*, abriu na página setenta e três, e leu:

– “*E, apesar de todos os esforços do Príncipe, a Fada partiu para outra vida, sem deixar sinais, sem deixar razões*”.

O Príncipe ficou tão triste, tão triste, que, de tanta tristeza, foi diminuindo de tamanho. Ele olhava para aquelas letrinhas à sua frente e relia-as, em total decepção. Até que o Senhor Poeta fechou o livro, chocado com a nova estatura do Príncipe.

– Mas o que isso quer dizer? – perguntou o Príncipe em voz baixa.

– Isso quer dizer isto... Cada um vive uma vida, uma história. Essa é a sua história.

– Não – reagiu o Príncipe, cheio de coragem. – Na minha história, a Fada não morrerá antes de sermos felizes para sempre!

Agora o Senhor Poeta não tinha mais coragem de dizer quem ele era.

– Se ao menos eu soubesse quem é o tal Criador... Todos me disseram que só ele poderia me ajudar. Se ao menos eu soubesse como chegar até ele...

– Este sou eu... – respondeu o Senhor Poeta, timidamente.

– Não, o senhor não poderia fazer algo assim!

– Escute, Príncipe, não foi essa a minha intenção, realmente não foi. Nunca imaginei...

– ...que isto aconteceria? Que eu viesse ao seu encontro para que mudasse tudo?

– Nunca imaginei que fosse possível encontrá-lo.

– Então, achou que eu não teria coragem suficiente?

– Não é isso. Nunca achei que você pudesse existir no mesmo mundo que eu.

O Príncipe, de repente, teve uma grande ideia! Graças à sua ideia, o Príncipe recuperou o seu tamanho normal. Novamente cheio de coragem e com um grande sorriso, disse de modo decidido:

– Já sei! Por que você não vem até o meu mundo? Por que não vem comigo visitar a Fada? Ao menos para explicar a ela por que irá morrer tão jovem! Venha e conheça a Fada que o senhor criou!

– Não sei como chegar ao seu mundo.

– Não deve ser tão difícil já que foi o senhor mesmo que o inventou! E, além de tudo, se cheguei ao seu mundo, você também poderá chegar ao meu!

– Não fiz isso por mal. Escrevo histórias, isso é tudo. Essa é a mais famosa das minhas histórias, e eu a escrevi há vinte anos. Se eu pudesse mudá-la agora... Mas tantas pessoas já a leram, tantos já guardaram este volume em suas estantes...

– O tempo aqui e no meu mundo deve passar em medida diferente. Quero dizer, em minha história isto ainda não aconteceu. Então, venha comigo, por favor! Se não for por mim, nem pela Fada, nem por sua história, que seja pelo Amor!

O Senhor Poeta se comoveu com o Amor, olhou para o Príncipe, tirou novamente o livro da estante e o abriu. Os dois leram ao mesmo tempo:

– *“Resta à Fada pouco tempo de vida”.*

Os dois se entreolharam e cerraram os olhos. Em um piscar de olhos, a biblioteca estava vazia e o livro se fechara. O Senhor Poeta e o Príncipe haviam partido para o mundo do Príncipe.

A Fada não poderia ter sorrido mais assim que viu o Príncipe. Ele lhe beijou a mão e disse, com sua voz mais doce:

– Ficaremos juntos, meu amor, não se preocupe! Está tudo resolvido!

Ela esboçou um sorriso, seus olhos brilharam, sentindo o corpo fraco. O Senhor Poeta tirou um crucifixo do bolso e disse:

– Que vocês sejam muito felizes!

O casamento não estava na história. O Senhor Poeta pegou um calhamaço de papel do bolso, uma caneta, sentou-se à mesa, e escreveu a primeira linha: *“Era uma vez um Príncipe e uma Fada...”*

Enquanto isso, o Príncipe segurava a mão de sua Fada, fazendo com que ela vivesse segundo após segundo:

– Espere mais um pouco, meu amor. Ficaremos juntos!

Não era possível mudar uma frase ou duas para reconstruir a história, mas era possível reescrever a história inteira e, mudando uma ou duas frases, reconstruir a vida do Príncipe e da Fada. O Senhor

Poeta escrevia o mais rápido que podia, contra o tempo do coração da Fada.

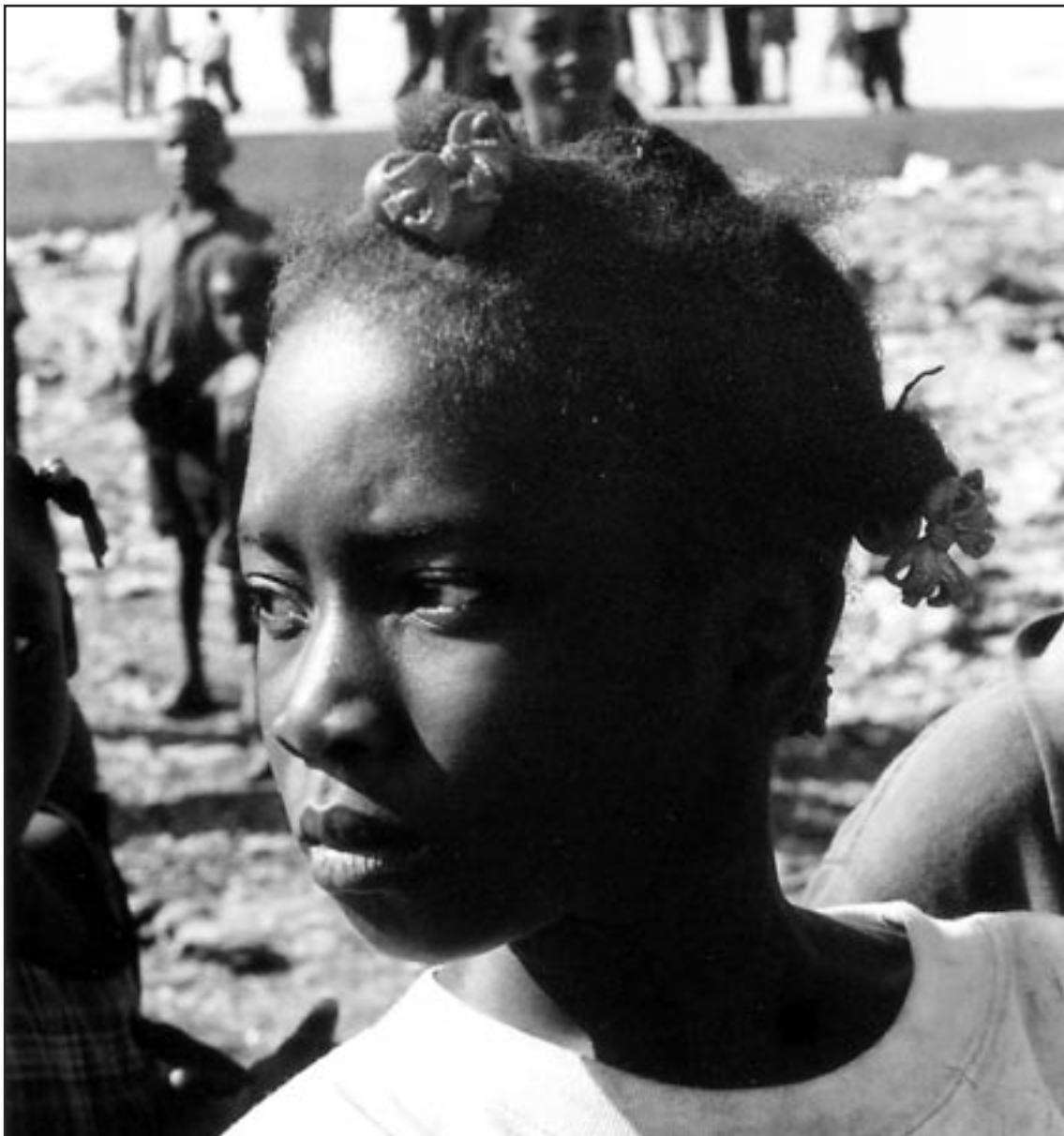
E, no último suspiro da Fada, a caneta escreveu: *“Que vocês sejam muito felizes, felizes para sempre...”*

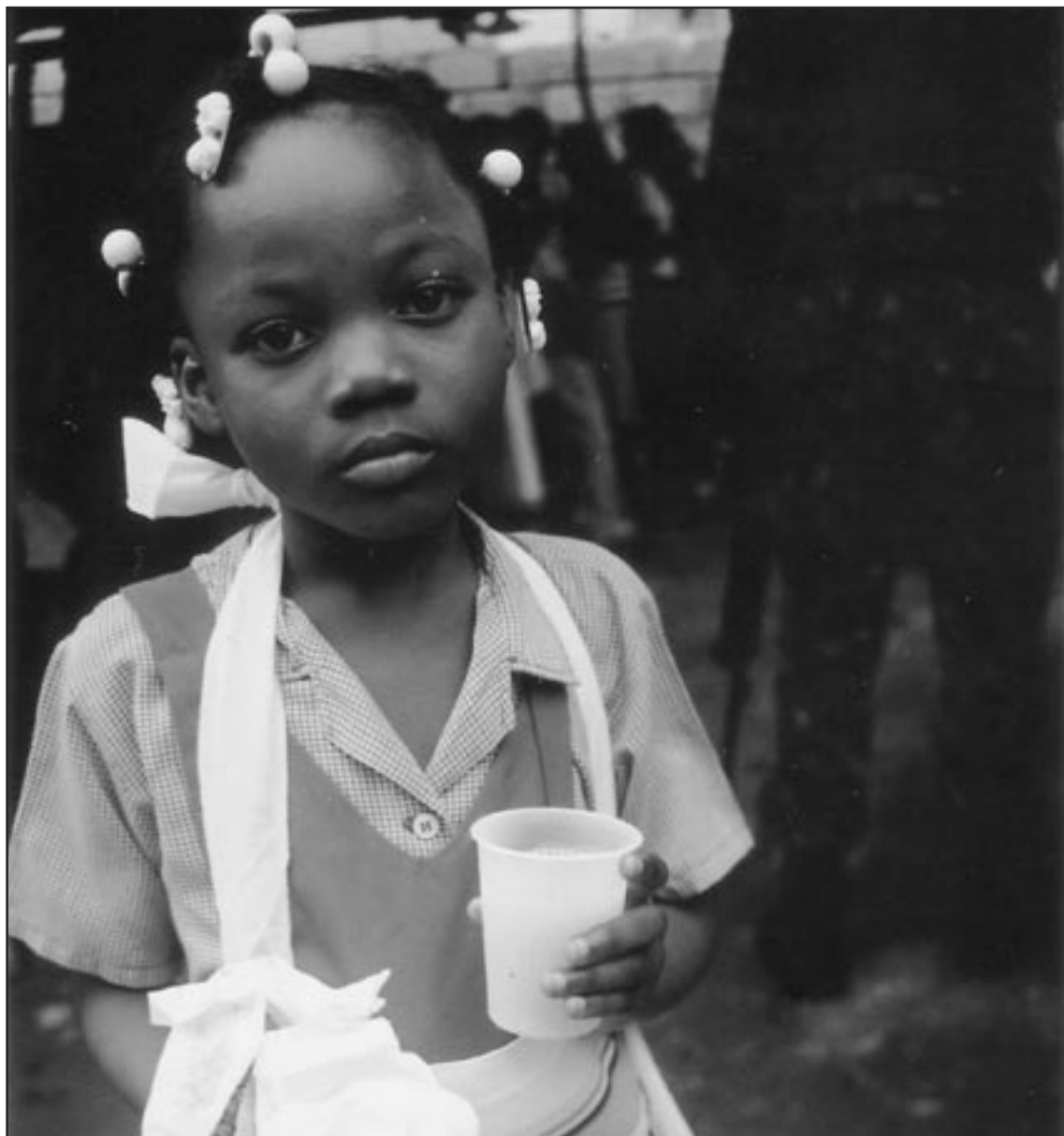












A ÁRVORE DAS FOLHAS AZUIS

Era uma vez um Menininho que morava em meio a muitas montanhas. Eram montanhas verdes e floridas, onde o céu era bonito desde o amanhecer até a partida das estrelas. O Menininho gostava de passear até onde o tempo o deixasse ir.

No verão, ele deitava na grama e lá se deixava ficar debaixo de alguma sombra; no outono, corria pelas folhas secas, procurando barulhos e explodindo alegria ao pisar em cada uma delas; no inverno, brincava com montes de neve que apareciam de repente e depois voltava pra casa, tremendo de frio, para se sentar ao lado da lareira da cozinha com sua mãe; e, na primavera, eram as borboletas que ele perseguia, querendo se tornar amigo delas, tentando descobrir por que estavam sempre a fugir. E como eram bonitas as borboletas! Mais que todas, eram as azuis. Pareciam um pedaço recortado do céu!

Em uma montanha perto dali, morava a Árvore das Folhas Azuis. Ela já era uma senhora idosa e a maioria de suas amigas havia partido para uma outra vida. A Árvore das Folhas Azuis estava muito cansada deste planeta, porque agora os homens não conversavam mais com ela. Ela sabia que os homens tinham mania de matar árvores por milhões de motivos, e sabia que ela deveria estar grata já que naquele campo onde morava os homens a deixavam em paz. Mas sua vida não era mais a mesma... Ela sentia muita saudade do tempo em que homens e árvores eram amigos, quando homens e mulheres gostavam de se sentar sob a sombra de suas folhas, e ouvir histórias de tantos

anos atrás. Isso porque árvores viviam muito mais do que homens.

E acontece também que suas melhores amigas já haviam ido. A maioria, é verdade, tinha morrido em paz, de velhice mesmo, não havia do que se queixar. Mas ultimamente ela estava se sentindo muito sozinha. E, de tão sozinha, estava secando. Não era por falta de chuva, mas água nenhuma substituía a amizade.

Era uma tarde de outono e o Menininho andava pelos campos se deliciando em esmigalhar pedaços de folhas secas e capturar seus barulhos. Andava muito naquela tarde, e como era bom andar! Até que entrou em um lindo vale onde nunca havia estado. E, por trás de uma montanha, estava a Árvore das Folhas Azuis. Impressionado, sentou-se na grama e observou o azul daquelas folhas que só vira igual nas borboletas!

– Que bonita! Será que ela é prima das borboletas azuis? Como é bonita! – repetia sem parar.

A senhora Árvore das Folhas Azuis olhou para o Menininho muito compenetrada. Fazia séculos que a espécie humana não lhe dirigia a palavra, e ficou muito lisonjeada com os elogios!

– Não sou prima das borboletas, não. Acontece que uma vez uma borboleta, que deve ser a bisavó das borboletas azuis que você conhece, me pediu emprestado um pouco da cor que uso para colorir minhas folhas. E eu emprestei a ela.

Nem precisa dizer que o Menininho e a Árvore das Folhas Azuis começaram uma conversa que parecia já se conhecerem a vida toda. Vizinhos que eram, como nunca haviam se encontrado?

Naquela noite, o Menininho chegou tarde em casa. Sua mãe já estava preocupada, mas não demais, porque confiava em seu Anjo da

Guarda. Ele contou à mãe que conhecera a Árvore das Folhas Azuis, e que ela era a árvore mais bonita que vira em todos aqueles campos!

Ao lado da lareira da cozinha, sua mãe disse:

– Ela pode ser a tua Árvore Amiga! Todos precisam de uma Árvore Amiga.

Mesmo antes de sua mãe lhe dizer isso, o Menininho já sabia que era a Árvore das Folhas Azuis, tão única e solitária, a sua Árvore Amiga.

No dia seguinte, o Menininho fez uma visita à sua querida amiga, e abraçou-a forte.

– Fico muito feliz de termos nos tornado amigos. Agora você pode ser a minha Árvore Amiga!

Escorreram lágrimas da Árvore das Folhas Azuis, tão sólida e grandiosa. O Menininho nunca tinha visto uma árvore chorar. E como era bonito!

A imponente Árvore das Folhas Azuis respondeu:

– Obrigada, eu estava quase secando. Agora posso continuar a viver!

Naquela noite, o Menininho voltou correndo para casa, ansioso para contar a novidade à sua mãe.

– Mãe, a Árvore das Folhas Azuis estava quase secando, mas agora que ela é minha amiga, ela poderá viver por muitos e muitos anos!

Não fazia muito frio naquela noite e a Mãe apagou o resto de fogo que havia na lareira da cozinha.

– Agora, meu filho, que você teve a sorte de encontrar a Árvore das Folhas Azuis, é preciso que acredite, quando deixar de ser menino,

que ela sempre saberá guiá-lo.

– Mas os homens grandes deixam de acreditar nas Árvores?

– Não é que deixem de acreditar, mas, muitas vezes, deixam de lembrar o caminho que os leva até elas. E é então que se sentem sozinhos e perdidos no mundo. Sem nenhuma Árvore Amiga para lhes apontar a direção.

O Menininho decidiu, então, que viria toda vez no começo de uma nova estação para que a Árvore das Folhas Azuis encontrasse em si mesma as lágrimas que não a deixariam secar.

E ele sempre vinha visitar a sua amiga Árvore das Folhas Azuis para nunca esquecer o caminho!









A VIAGEM DA LARANJA

Era uma vez uma pequena Luz Azul que morava no fundo do coração dos homens. Era a mesma pequena Luz Azul, que morava no coração de todos os homens.

Essa Luz Azul tinha tantas casas quanto havia corações de homens e mulheres. E (esse era o engraçado da pequena Luz Azul) ela conseguia morar em todas as suas casas ao mesmo tempo. Porém, o que ela gostava mesmo era de sair de casa e passear pelo mundo, porque o mundo, afinal, era tão bonito!

Mas os homens ou, pelo menos, muitos deles haviam se esquecido de como o mundo era bonito e, por isso, não deixavam muito facilmente a Luz Azul sair para passear, pois achavam que ela só veria um mundo feio.

A Luz Azul tentava de todas as maneiras contar aos homens como o mundo era bonito, mas eles não conseguiam mais ouvir. Não “conseguiam mais” não queria dizer que antigamente outros homens conseguissem, mas todos os homens em todas as épocas, quando crianças, sabiam ouvir a Luz Azul.

Depois de se tornarem gente grande deixavam de ouvir e, muitas vezes, quando choravam, era porque a Luz Azul estava falando com eles e eles não conseguiam entender.

Era uma vez uma esquina e nela havia o Homem que Vendia Laranjas, que era um bom e velho homem. Bom, porque era um homem que tinha um sorriso nos olhos, e quase se podia ver a Luz

Azul dentro deles! Da sua esquina, o Homem que Vendia Laranjas via as pessoas passando apressadas ou perdidas em seus caminhos já traçados. E, ainda assim, acreditava que o mundo fosse bonito.

Em uma manhã, no final da primavera, sua Luz Azul saiu para passear em uma de suas Laranjas. Como ele achava o mundo bonito, a Luz Azul conseguia sair para passear.

A Laranja foi, rodeada de muitas outras amigas Laranjas, para uma das cestas da Senhora dos Cabelos Brancos. Da cesta, chegaram a uma enorme cozinha e foram todas para uma prateleira de frutas. A Luz Azul estava encantada com a reunião. Amoras, Framboesas, Goiabas, eram todas tão queridas, as Melancias eram as mais simpáticas!

Acontece que a Senhora dos Cabelos Brancos parecia estar muito desanimada, apesar de rodeada de todas aquelas frutas. A Luz Azul, de dentro da sua Laranja, resolveu contar para suas novas amigas como estava triste a Senhora dos Cabelos Brancos. Comovidas, bolaram um plano para ajudá-la.

– Por que ela não nos ouve? – perguntou a Melancia.

– Ela deve ter esquecido nossa língua – respondeu a Framboesa.

– Bem, há uma coisa que ela não deve ter se esquecido! – disse a Luz Azul – De olhar para o céu!

Na noite seguinte, ao entrar na cozinha, a Senhora dos Cabelos Brancos viu toda a sua estante de frutas vazia.

– Mas como isso pode ter acontecido? – disse sozinha sem nada entender.

Procurou por toda a casa e não encontrou nada. Estranhando o misterioso desaparecimento das frutas, ouviu um som que vinha de

fora do jardim e, esquecendo-se das frutas por um instante, resolveu investigar.

Em volta da Jabuticabeira, pelos seus galhos e folhas, Amoras, Framboesas, Melancias, Bananas, Laranjas e Jabuticabas dançavam alegremente. Fascinada, a Senhora dos Cabelos Brancos olhou para o alto e viu a Luz Azul orquestrando toda aquela animada dança!

Sorriu um sorriso tão grande, que até as Azaleias do jardim resolveram se juntar à dança.

A Luz Azul, sabendo que a orquestra agora prosseguia sozinha, deixou todos e voltou para sua outra casa, a do Homem que Vendia Laranjas. Ao encontrá-lo, fez com que ele a seguisse até a festa em volta da Jabuticabeira.

A Senhora dos Cabelos Brancos olhou radiante para o Homem que Vendia Laranjas, a quem não via por um longo e triste tempo.

Entre Jabuticabas, Amoras e Framboesas, enquanto as Azaleias cantavam e a Luz Azul regia a orquestra, o Homem que Vendia Laranjas e a Senhora dos Cabelos Brancos se reencontraram e dançaram alegres para sempre!







NOSSA CAMA NA CASA DOS PAIS

A cama na casa dos nossos pais tem um gosto diferente. Já passei por tantos lugares entre viagens e hotéis, quartos e casas, mas me parece sempre que a cama na casa dos nossos pais tem outro tipo de gosto. Como se não houvesse em todo o mundo lençóis que pudessem superar os lençóis de florzinhas verdes da infância!

Ainda hoje, quando, por acaso, durmo num deles, sinto um acolhimento diferente, como se os lençóis velhos de florzinhas verdes me levassem para perto daquele mundo de caquis e pinhas no chão. O mundo seguro da infância da casa dos nossos pais. E aquela sensação de, acordando com muito, mas muito, medo mesmo, no meio da noite escura, ter coragem para levantar da cama e ir até a cama na casa dos nossos pais!

Acho até que nunca mais houve tanta certeza na vida como a que eu sentia na cama da casa dos meus pais. Nenhum lugar do mundo era mais seguro, certo e coerente.

Acho que nossa cama na casa dos pais tem esse sabor ou, pelo menos, um pouquinho dele, de que ainda se pode recordar, gotas de segurança do mundo temido, hostil e incoerente. Mas não na nossa cama na casa dos nossos pais: ali o mundo é bem menos estranho.

Às vezes, fico pensando em transportar a minha antiga cama para o meu futuro, ou até trazê-la para o meu presente, mas acabo chegando à conclusão que há tempos na vida que não se misturam. Melhor guardar a lembrança da minha antiga cama.

Eu, por exemplo, tive uma cama verde, de madeira simples, bonita e forte, que me acompanhou por muitos anos, entre monstros, sonhos e pesadelos. Ela ficava sob uma janela bem grande (ao menos é o que parecia para mim) e, por essa janela, via-se um mundo de folhas e, quando chovia, não havia nenhum outro lugar mais acolhedor.

Depois, eu cresci e, então, veio uma cama bem grande e, novamente, nenhuma cama se comparava a ela. A bem da verdade, a cama dos meus irmãos tinha quase o mesmo sabor que a minha. Mas só quase. Porém, fora da casa dos meus pais, nem mesmo a cama mais *king-size*, do hotel mais cinco estrelas, conseguia ter esse sabor.

Nossa cama na casa dos pais traz a segurança da infância, o acolhimento dos anjos, o silêncio dos sonhos ideais e um tempo que não volta mais. Apenas lá encontramos, como num lugar encantado, transpondo as barreiras do mundo e levando-nos para um tempo perdido, a lembrança de um tempo delicado.









O MUNDO DE ALGODÃO

Era uma vez um Mundo de Algodão. Um mundo bem branco, macio e muito doce. Para viver nesse mundo, não era preciso ser nem branco nem macio, era, sim, preciso ser doce, muito doce.

Esse mundo, como todos os outros mundos, flutuava no espaço. Tinha uma vizinha muito próxima, que se chamava Terra. As pessoas na Terra eram muito diferentes das do Mundo de Algodão. E, para falar a verdade, elas não acreditavam que o Mundo de Algodão existisse.

Muitas vezes, passavam por ele com suas enormes aeronaves, e sujavam o branco do Mundo de Algodão. O engraçado é que chamavam o Mundo de Algodão de “nuvens”, e tinham milhões de teorias para a existência dele.

Nós, que morávamos no Mundo de Algodão, gostávamos, quando queríamos passear, de nos vestir de transparente e, com um só pulo, chegar à Terra. O Mundo de Algodão era todo lindo, mas era uma delícia também ver as tantas cores da vizinha Terra!

Era tão delicioso, que, do branco que estávamos habituados, tornávamos transparentes para, então, receber, em nós mesmos, as outras cores!

Quando deixávamos o Mundo de Algodão em nossa transparência, numa carona que o Sol nos dava em seus raios, ficávamos todos coloridos. Por um momento, tudo o que importava eram as cores que podíamos ser; o espaço infinito tornava-se único,

os raios de Sol nos levavam em sua imensidão, e dávamos risada da imensa brincadeira que era estar em pleno espaço!

Ao chegar à Terra, os humanos ficavam felizes. Na primeira vez que o Sol nos levou em seus raios, ele nos deixou no mar. Era um final de tarde, e muitas pessoas que estavam por ali nos receberam com prazer.

Muitas vezes, assim que chegávamos, elas voltavam para suas casas. Nós entendíamos, mas nenhum prazer era maior do que cair sobre alguém que nos recebesse com alegria.

Um dia, o Sol nos ofereceu outra de suas caronas. Como éramos curiosos e sempre queríamos conhecer novos lugares, resolvemos aceitar. Foi uma viagem e tanto! As pessoas nos receberam alegremente, chamando-nos sem parar:

– É o arco-íris! É o arco-íris!

E ficamos muito felizes de ganhar um nome, e pedimos ao Sol que sempre nos convidasse para esse lindo encontro de todas as cores!

p. 6 – Gana, 1997

p. 17 – Gana, 1997

p. 18 – Gana, 1997

p. 19 – Gana, 1997

p. 20 – Gana, 1997

p. 21 – Gana, 1997

p. 22 – Gana, 1997

p. 28 – Lisboa, 1998

p. 29 – Madri, 1997

p. 30 – Madri, 1997

p. 31 – Madri, 1997

p. 32 – Madri, 1997

p. 38 – Marrocos, 1997

p. 39 – Marrocos, 1997

p. 40 – Haiti, 2007

p. 41 – Haiti, 2007

p. 42 – Haiti, 2007

p. 51 – Haiti, 2007

p. 52 – Haiti, 2007

p. 53 – Haiti, 2007

p. 54 – Haiti, 2007

p. 55 – Haiti, 2007

p. 56 – Haiti, 2007

p. 61 – Bahia, 1999

Caraíva, 1999

Lençóis, 1999

p. 62 – Salvador, 2002

p. 63 – Ceará, 2003

p. 64 – Ceará, 2003

p. 68 – Ceará, 2003

p. 69 – Ceará, 2003

p. 70 – Salvador, 2002

p. 71 – Salvador, 2002

Ceará 2003

p. 72 – Salvador, 2002

p. 73 – Ceará, 2003

p. 74 – Ceará, 2003

p. 80 – Ceará, 2003



Acabou-se de imprimir
em 30 de novembro de 2009,
na cidade do Rio de Janeiro,
especialmente para Ibis Libris,
nas oficinas da Imos Gráfica e Editora.

O texto foi composto
em Adobe Garamond Pro.
O papel usado para o miolo foi
o Pólen Bold 90g/m²
e o da capa, Cartão Supremo 250g/m².